

Individuando Avaliações Funcionais para Crianças com Autismo: As Contribuições do Comportamento Perseverativo e dos Distúrbios Sensoriais para os Comportamentos-Problema

Individualizing Functional Assessments for Children with Autism: The Contribution of Perseverative Behavior and Sensory Disturbances to Disruptive Behavior
Focus on Autism and Other Developmental Disorders. Vol. 18, Nº2. Ano 2003.

R. Matthew Reese

David M. Richman

Jennifer Zarcone

Troy Zarcone

Resumo e Comentário por Mariana Serrajordia Lopes e Rebeca Costa e Silva

As avaliações funcionais (técnica desenvolvida no âmbito da Análise Aplicada do Comportamento--*Applied Behavior Analysis*) provêm de *uma abordagem empiricamente válida para elaborar recomendações de tratamento individual de acordo com as variáveis que contribuem para a manutenção de comportamentos-problema*.

Um analista do comportamento *tenta isolar a função* de um comportamento-problema *identificando o quê* (*contingências reforçadoras*) contribui para a manutenção desse comportamento.

Com base nos resultados de uma avaliação funcional, os aspectos a serem incorporados ao tratamento visam alterar o ambiente (de modo simplista, para a Análise do Comportamento, o ambiente é tudo aquilo que afeta e é afetado pelo comportamento de um indivíduo) e ensinar ao indivíduo comportamentos diferentes, melhor adaptados, que exercem a mesma função do comportamento-problema.

Um exemplo:

Se um indivíduo começa a se autoagredir para obter a atenção do cuidador, um aspecto para ser incorporado no tratamento desse indivíduo poderia ser ensiná-lo a obter atenção através de comunicação.

Estudos desta área têm sugerido que alguns comportamentos podem ter fatores biológicos (fome, dor, ansiedade), e que estas variáveis precisam ser levadas em consideração na avaliação funcional, pois nem sempre estão presentes na realização da

mesma e podem, inclusive, não ter sido incorporadas nos instrumentos para avaliação (escalas, por exemplo). Portanto, fica evidente a necessidade de levar em consideração *síndromes diagnosticadas e genéticas*.

Um exemplo:

Uma pessoa com retardo mental e depressão pode escapar de exigências exibindo comportamento-problema mas somente durante episódios depressivos.

Com relação ao autismo, é mais provável que uma criança com autismo que esteja engajada em uma estereotipia ou algo de interesse idiossincrático, ao ser interrompida, apresente um comportamento-problema.

Com isto em mente, a pesquisa em questão teve como objetivo *identificar com que frequência os cuidadores de crianças com autismo relatavam ocorrências de comportamentos-problema relacionados a interesses restritos/estereotipias e distúrbios sensoriais; e identificar as condições da avaliação funcional padrão*.

Fizeram parte da amostra, 100 participantes: crianças com autismo que apresentavam comportamentos-problema (92% do sexo masculino e 8 % do feminino). Algumas (poucas) dessas crianças passaram por situações sociais difíceis (maus tratos, negligência, abandono) e outras tinham comorbidades (Síndrome de Down, Síndrome de Prader-Willi e Transtornos Convulsivos). Suas idades variaram em torno de 19 a 70 meses (1 a 5 anos), sendo a média 42.8 meses (3 anos e meio). Todas as crianças participantes estavam de acordo com o critério para o diagnóstico de autismo encontrado no DSM-IV.

O estudo foi realizado em um contexto médico-acadêmico (uma universidade com centro clínico com especialidade em crianças com autismo) e com psicólogo, foniatra, terapeuta ocupacional e um pediatra com especialidade em desenvolvimento.

Todas as crianças que participaram deste estudo apresentavam comportamentos-problema, tais como:

- *Gritar;*
- *Bater;*
- *Chutar;*
- *Morder;*
- *Arranhar;*
- *Lançar-se ao chão;*
- *Autoagredir-se (se bater, se morder e bater a própria cabeça).*

Na avaliação funcional, além de serem realizadas avaliações de acordo com as dificuldades apresentadas pelo autismo, foram realizadas entrevistas com os cuidadores sobre quando e em que circunstâncias os comportamentos-problema ocorriam, e, ainda, os cuidadores foram questionados se os comportamentos-problema ocorriam (com mais frequência) nas seguintes situações (com o objetivo de entender qual era a função desses comportamentos-problema para as crianças):

- A criança queria algum objeto ou fazer algo e isso lhe foi negado;

- Alguma atividade muito almejada que a criança estava fazendo foi interrompida (foi solicitado o esclarecimento de quais eram essas atividades);
- Quando atender a uma *instrução fosse expô-la a situações desconfortáveis* (desconfortos sensorial).

Alguns resultados obtidos da avaliação funcional foram:

- Oitenta e cinco por cento das crianças demonstravam estereotípias (segundo entrevistas com os pais e observações);
- Quarenta por cento tinham distúrbios sensoriais;
- Observou-se que 51% das crianças apresentava comportamentos-problema para escapar de qualquer demanda, e 67% apresentavam comportamentos-problema quando esta fuga dava acesso às atividades perseverativas (estereotípias, comportamentos repetitivos).
- Foi observado também que 30% das crianças foram avaliadas como sendo mais propensas a apresentar comportamentos-problema quando a solicitação para engajar-se em atividades perseverativas fosse negada;
- Vinte e dois por cento das crianças, apresentavam este tipo de comportamento para terem acesso a um objeto, e 15% para obterem atenção;
- Catorze por cento das crianças apresentavam tal comportamento ao serem expostas a estímulos sensoriais desconfortáveis para elas (às vezes um estímulo sensorial aparentemente neutro para a população típica não o é para indivíduos com autismo); e
- Por fim, a maioria das crianças com autismo apresentava comportamentos-problema para inúmeras situações, exibindo mais de uma função para os mesmos.

Com base nessas observações, percebe-se que o diagnóstico (ou seja, levar-se em consideração as peculiaridades que um transtorno ou uma síndrome implicam no repertório de comportamentos do indivíduo, como é o caso do autismo) guarda uma importante relação com as funções dos comportamentos-problema para a criança com autismo. Neste estudo, mostrou-se bem acentuada a presença de tais comportamentos relacionados às estereotípias e interesses, atividades e objetos restritos. Levar este aspecto em consideração ao planejar e elaborar uma proposta de intervenção para comportamentos-problema em crianças com autismo é fundamental, juntamente com a necessidade de substituir os comportamentos-problema por comportamentos adequados que exerçam a mesma função.

Outro aspecto importante é saber que (conforme alguns estudos) os comportamentos perseverativos diminuem a ansiedade da criança com autismo e não devem ser necessariamente extintos, mas, pelo contrário, deverão ser utilizados como um estímulo reforçador, desde que não prejudiciais em si. Quanto aos estímulos sensoriais que são desconfortáveis para as crianças com autismo, além da

necessidade de serem estudadas sistematicamente algumas estratégias informais que visam diminuir ou atenuar tais desconfortos (integração auditiva, por exemplo), é preciso fazer acomodações ou ensiná-las a lidarem com tais estímulos.

Por fim, este estudo também serve como argumento de que é imprescindível o trabalho em equipe multi- e interdisciplinar, pois várias crianças tinham problemas de saúde não diagnosticados até o momento das avaliações.